

# UM CÃO E UMA ANALOGIA

*Data de aceite: 01/06/2023*

### **Jorge Ivam Ferreira**

Um dia, em torno de 10 horas da manhã, um vizinho tocou a campainha de minha casa e perguntou-me se eu queria ficar com seu cachorro porque estava mudando para um apartamento e não podia levá-lo.

Fiquei com o Zé. É esse o nome do vira-lata. É quase todo preto, com pelos castanhos no focinho e um pouco acima das patas. Desconfio que tenham passado mel nessas partes, e elas ficaram dessa cor. Por muito tempo, os passantes, sobretudo crianças, paravam defronte do meu portão para vê-lo girar velozmente enquanto latia. Era como se possuísse um eixo que lhe possibilitava dar inúmeras voltas sem sair do lugar.

Não demorou muito para ele mostrar que é também um excelente caçador. Perdi a conta das tantas que vezes que tive de colocar um bambu servindo de ponte entre o pé de acerola e o muro para que um gambá (também conhecido como saruê)

pudesse ir embora. Se eu não fizesse isso, nem o marsupial sairia do galho onde estava, nem se conseguiria dormir em casa por causa dos latidos furiosos do Zé. Os gambás que tiveram a infelicidade de ser alcançados não foram mortos porque os socorri, mas saíram bastantes machucados. Quando o Zé pegava um por cima de suas orelhas, batia-o no chão como uma lavadeira do Jequitinhonha bate roupa.

Rato, então, deixava meu cão maluco revirando cada canto do quintal onde a presa tinha deixado seu cheiro. Ficava nessa atividade o dia todo. Quando pegava um roedor, esmagava-o, mas não o comia. Um dia encontramos, na garagem, o pobrezinho de um preá morto por ele.

Zé também ficava incomodado com o passeio do gato do vizinho sobre o telhado da edícula. Com certeza, lamentava não ter acesso à cobertura. Certa vez, minha cunhada, que viera passar o Natal conosco, vendo-o latindo para o alto, declarou preocupada que ele estava percebendo a presença de algum

espírito. Respeitei sua credence não lhe explicando o motivo de o Zé agir assim.

Ultimamente, nem gambá, nem rato, nem preá tem aparecido no meu quintal. O gato também desapareceu do telhado, mas o nosso Zé continua alerta. Outro dia, constatando que ele estava latindo sem motivo, comentei com minha esposa que ele o fazia por hábito, não queria descanso e, ao gracejar assim, fiz uma analogia com essas pessoas que se aposentam e não querem parar de trabalhar porque estão perpassadas pela ideia de que, enquanto estão saudáveis, devem ser úteis à sociedade. Muitas delas são indivíduos que começaram a trabalhar muito cedo, uma vez que as condições financeiras de sua família obrigavam-nos a buscar o seu sustento já na adolescência.

Aposentei-me recentemente e vários dos meus amigos instigam-me a procurar um trabalho, alegando que ainda estou em boas condições físicas e tenho muito que servir à sociedade. Esquecem que muitos jovens estão procurando ocupação e não a encontram, e que se eu voltasse a me empregar, estaria tirando a vaga de um deles.

Sem o pessimismo do poeta simbolista Emiliano Pernetá, tomo emprestadas suas palavras: “A mocidade aí vem, que ruge e que protesta,/Invasora brutal. E a nós que mais nos resta,/ Senão ceder-lhe a espada e o manto de veludo?”

Pego esse empréstimo porque a poesia me encanta, porém faço duas ressalvas: primeiramente, não considero a juventude invasora. Ela tem seu direito natural e precisa ter suas necessidades atendidas e, para isso, um emprego é fundamental. Não serei egoísta a ponto de tirar a oportunidade de um jovem arranjar uma colocação no mercado de trabalho, reivindicando-a para mim. Em segundo lugar, eu trocaria “ceder-lhe a espada e o manto de veludo” por *passar-lhe o bastão*, porque essa expressão está mais de acordo com o prosaísmo do século XXI e com a insignificância da minha pessoa, que, numa monarquia, seria um súdito, jamais um rei.

Voltemos aos meus amigos. Eles não percebem o paradoxo que existe no fato de cobrarem de mim mais anos dedicados ao trabalho, entretanto acham natural que haja indivíduos que nunca trabalharam porque vivem de herança ou de rendimentos do seu capital.

Também meu pai exigia que eu, com sete de idade, me levantasse com o nascer do sol para não ficar preguiçoso, mas achava normal que o filho do patrão acordasse depois do meio-dia. É claro que ele não fazia isso por sadismo ou maldade, agia assim porque gerações anteriores incutiram-lhe esse discurso de dedicação ao trabalho, que interessava ao senhor de escravo e continua sendo do interesse da classe dominante.

Sei que meus amigos estão pensando em me fazer o bem, mas peço-lhes que aceitem que eu fique em casa me divertindo com o Zé, observando o voejar transparente das libélulas sobre o laguinho que há no meu jardim, sem me preocupar com a crítica dos outros à minha preguiça e, sobretudo, cuidando da minha saúde para que futuramente eu não venha sobrecarregar o SUS.